

## As lágrimas



JOÃO DE DEUS

Nascido em S. Bartolomeu de Messines, Portugal, em 1830, e desencarnado em 1896, afirmou-se um dos maiores líricos da língua portuguesa. E' tão bem conhecido no Brasil quanto em seu belo país. Nestas poesias palpita, de modo inconfundível, a suavidade e o ritmo da sua lira.

Desci um dia  
Ao sorvedouro  
Da atra agonia  
Da Humanidade,  
A procurar,  
A perscrutar  
Qual a verdade,  
Qual o tesouro  
O mais profundo,  
Que neste mundo  
O homem prendesse  
E o retivesse.

E vi, então,  
No coração  
Da criatura,  
Só a ilusão  
Duma ventura.  
  
E vi senhores  
Que dominavam  
E se orgulhavam  
Do seu poder,  
Sempre a abater  
Os desgraçados.

Os potentados  
Com seus valores  
Bem se julgavam  
Onipotentes,  
Heróis valentes  
Cá nesta vida...  
Depois, porém,  
Reconheceram  
E viram bem  
Nesta existência  
Toda a impotência  
Do deus-milhão,  
Perante a mão  
Da fria dor,  
Que lhes domava  
E lhes dobrava  
O torpe egoísmo.

Busquei os lares,  
Ricos solares  
Dos protegidos,  
Onde o conforto  
Para a matéria  
Anda em contraste  
Com atroz miséria  
Dos desvalidos.  
E ainda aí  
Não pude achar  
O que eu ali  
Fui procurar.

Eu vi mulheres  
Nos seus prazeres,  
Jovens e belas,  
Alvas estrelas  
De formosura,

Rindo e cantando  
Dentro da noite  
Da desventura.  
Pobres donzelas,

Fanadas flores...  
Luz sem fulgores,  
Que, miseráveis  
Párias da vida,  
Deixam o teto  
Do seu afeto  
Maior, supremo,  
Insuperável.  
Sómente encontram  
Dores que afrontam,  
Mágoa insanável,  
Incompreendida!

E penetrei  
Pelos castelos  
Dourados, belos,  
Das diversões,  
Onde se aninha  
E se amesquinha  
A multidão  
Que busca rir,  
Gozar, sorrir,  
A ver se esquece  
O que padece,  
Julgando crer  
Que está a ver  
O paraíso.  
Mas este riso,  
Ao som da festa,  
À meia luz,  
E' o que produz  
Todo o amargor,

A maior dor,  
Pois eu ali  
Tristonho vi  
O que em verdade  
E' a sociedade;  
Só pensamentos  
Das impurezas,  
Só sentimentos

Que trazem presas,  
Aniquiladas,  
E esmagadas,  
Ensandecidas  
As criaturas  
Outrora puras,  
Bellas outrora,  
No entanto agora  
Flores perdidas,  
Almas impuras,  
Desiludidas!  
Nesse recinto  
Eu vi, então,  
A traição,  
A iniquidade,  
A grosseria,  
Toda a maldade  
Da hipocrisia;  
E tudo, enfim,  
Tristonho assim,  
Dissimulado,  
Falsificado  
No fingimento  
Que aparecia  
No barulhento  
Rumor de vozes,  
Notas atrozes,  
De uma alegria

Jamais sentida,  
Desconhecida  
Naquele meio.

Eu contei o  
Cheio de horror  
E vi que as flores,  
As pedrarias  
Tão luminosas,  
Eram sombrias,  
Eram trevosas,

Pois só cobriam  
Miseros trapos,  
Pobres farrapos  
De almas perjuradas  
Ao seu Criador,  
Fracas criaturas  
Baldas de amor.  
E, condoído,  
Desiludido,  
Desanimado,  
Num forte brado  
Disse ao Senhor:

«Onipotente  
Pai de Bondade,  
Oh! tem piedade  
Dos filhos teus  
Que choram, gemem,  
Pálidos tremem  
O' Senhor Deus!  
Faze que a luz  
Do bom Jesus,  
Penetre a alma  
Na Terra aflita,  
Dando-lhe a calma  
Que necessita.  
Só conheci  
E encontrei,  
Só contemplei  
O mal que vi.»

Mas uma voz  
Do azul do Céu,  
Pronta e veloz  
Me respondeu:

«Filho bendito  
Do meu amor,  
Sou teu Senhor,  
E no Infinito

Tudo o que fiz,  
Nada se perde,  
Assim tornando  
O ser feiz.  
Contempla, ainda,  
A Terra linda  
E então verás,  
Donde provém  
A grande paz,  
O sumo bem.  
O grão tesouro,  
Mais fino ouro  
Dos filhos meus,  
Está na luta,  
Nos prantos seus,  
Que lhes transforma  
A alma poluta  
Num ser radioso,  
Astro formoso  
De pura luz!»

Eu ajoelhei  
E contemplei  
As multidões  
Atropeladas,  
Desenganadas  
Nas perdições.  
Vi transformadas  
Todas as cenas;  
Em todos seres,  
Homens, mulheres,  
Jovens, crianças,  
Nas grandes penas,  
Nas esperanças,  
Por entre a luz,  
Por entre flores,  
Brotar a fluxo  
No coração  
De cada ser,  
Em profusão,

Gotas pequenas  
Como as brilhantes  
Luzes serenas  
Das madrugadas  
Primaveris.

Reconheci  
Que por aí  
Na escura Terra  
Onde eu amei,  
Sorri, chorei,  
Onde sofri  
E onde eu vi  
A dura guerra,  
A amarga dor,  
Lágrimas belas,  
Gotas singelas,

Meigas, serenas,  
Eram açucenas  
De fino olor  
Do espaço azul!

Depois, eu vi  
Que os que as vertiam  
Por este mundo,  
Vale profundo  
De mágoa e dor,  
Quando voltavam  
Do seu exílio,  
Eram saudados  
Por mensageiros  
De amor e luz  
Do bom Jesus,  
Que os coroavam  
Com gemas finas,  
Jóias divinas  
Do escrínio santo,  
Primor de encanto  
Do amor de Deus.

Fui então vendo,  
Reconhecendo  
Que aqui nos Céus,  
Lágrimas lindas  
São transformadas,  
Remodeladas  
Para formarem  
Belo diadema  
E aureolarem  
Os que as verteram  
Aí na Terra.

E vi, então,  
Em profusão,  
Gemas brilhantes,  
Alvinitentes,  
Ricas, fulgentes  
E deslumbrantes,  
Que nem Ofir  
Pôde possuir.

Sejam benditas,  
As pequenitas  
Gotas de pranto,  
Orvalho santo  
Do amor divino  
Que dá ventura,  
Tranquilidade,  
Felicidade  
Ao peregrino.  
Bendito o Pai,  
O Nossa Deus  
Que abranda o ai  
Dos filhos seus;  
Que a alegria  
E a paz envia  
À Humanidade  
Tão sofredora,  
Com a lágrima bela,  
Luzente estrela  
Consoladora!

## O Céu

JOÃO DE DEUS

Pátria ditosa e linda, e onde o mal  
Desaparece ao meigo olhar do Amor,  
Que entre os seres do Além é sempre igual,  
No mesmo anseio santo e superior!

Lá não se vê traição e cada qual  
Urde ali sua auréola de esplendor,  
Doce Mansão de Paz, imaterial,  
Onde impera a bondade do Senhor!

Porto de Salvação para quem crê  
Nessa Praia do Azul, que se antevê,  
Pelo poder da Fé, na provação;

País dos Céus, aonde o pecador,  
Depois de bem sofrer aí a dor,  
Vai ali encontrar Consolação.

## Morrer

JOÃO DE DEUS

Não mais a dor intensa e desmedida  
No momento angustioso de morrer,  
Nem o pranto pungente por se ver  
Um ser amado em horas da partida!...

A morte é um sono doce; basta crer  
Na Paz do Céu, na Terra apetecida,  
Para se achar o Amor, a Luz e a Vida,  
Onde há trégua à tristeza e ao padecer.

Venturosa região do espaço Além,  
Onde brilha a Verdade e onde o Bem  
E' o fanal reluzente que conduz;

Mansão de claridade e pulcritude,  
Onde os bons que adoraram a Virtude,  
Gozam do afeto extremo de Jesus.

## O mau discípulo

JOÃO DE DEUS

Era uma alma  
Formosa e bela:  
Fúlgida estrela  
De puro alvor,  
Que habitava  
Qual uma flor  
O espaço infinito,  
Imenso e lindo,  
Nessas regiões  
Onde há mansões  
Purificadas,  
Iluminadas  
Do Criador.

Porém, um dia,  
Disse Jesus  
A quem vivia  
Em meio à luz:

«Filho querido,  
Estremecido,  
Dos meus afetos!  
Tu necessitas  
Buscar a Vida

Em meio às vagas  
Das provações!  
Dentro das lutas,  
Tredas disputas  
Do Bem, do Mal,  
E' que verei  
Se o que ensinei  
Ao teu valor,  
Aproveitaste  
E assimilaste  
Em benefício  
Da lei do amor,  
Do sacrifício!...  
Tens a fraqueza  
Da imperfeição;  
Aqui, porém,  
Já te mostrei  
A lei do amor,  
Luz do Senhor —  
O sumo bem.

Tu lutarás,  
Mas vencerás  
Se bem souberes

Te conduzir  
Nesses caminhos  
Entre prazeres,  
Risos e flores,  
Por entre espinhos,  
Mágoas e dores...  
E se aprenderes  
Saber viver,  
Sorrir, sofrer,  
Conquistarás  
A grande paz,  
A grande luz  
Que eu, teu Jesus,  
Reservarei  
E hei-de guardar  
Para a tua alma,  
Ao regressar.

A dor, sómente  
A luta amara  
Lá nos prepara  
Para vivermos,  
Tranquilamente,  
Nessas moradas  
Iluminadas  
Do nosso Pai!  
Luta e trabalha  
Singelamente  
Nessa batalha  
Que te ofereço,  
P'ra conquistas  
A luz, o amor  
Do teu Senhor.  
Tu viverás  
Entre os brasões  
Das ilusões  
Da Terra impura;

Conhecerás  
Lindas riquezas

Iluminando  
E lhe ensinando  
O bom caminho,  
A boa estrada  
E com carinho  
Sempre a mostrar-lhe  
A caridade  
Com toda a luz  
Que ministrei  
Ao teu pensar,  
E ora conduz  
Teus sentimentos,  
Teus pensamentos,  
À perfeição  
Do coração.

Caminha avante,  
Na deslumbrante  
Rota do amor!  
Espalha o olor  
Que já plantei  
E fiz brotar,  
Que cultivei  
Dentro em teu ser.  
Sê sempre amigo  
Dos sofredores,  
Dos que padecem  
Sem conhecer  
Sequer abrigo  
Onde isolar-se,  
Onde guardar-se  
Das fortes dores  
Que acometem  
Os sofredores.

Sê a Bondade  
Entre a maldade  
Dos homens feros,

Ambiciosos,  
Frios, austeros,  
Pecaminosos.

Se assim fizeres  
E procederes,  
Sempre cumprindo  
Os teus deveres,  
Tornar-te-ás  
Em verdadeiro  
Anjo da paz,  
Em mensageiro  
Do Deus de amor.  
Assim darás  
À Humanidade  
O testemunho  
Da caridade  
Do teu Senhor!»

A alma formosa  
Então desceu  
Para lutar,  
A conquistar  
Maior ventura,  
Rútila e pura  
Aqui no Céu.

Então, nasceu  
Num lar ditoso,  
Régio, faustoso,  
Dos venturosos,  
Onde a alegria  
Reinava, e ria  
Constantemente,  
Proporcionando  
À rica gente  
Que o habitava  
Os belos gozos,  
Lindos, formosos,  
Mas irreais,

Desses palácios  
Materiais.  
Ainda criança,  
Era adorado,  
Felicitado  
Nessa abastança;  
Naquele lar,  
Rico alcaçar  
Dos abastados,  
Ele então era  
A primavera  
Dos áureos sonhos  
Dos pais amados!

Assim cresceu,  
Belo esplendeu,  
Na mocidade.  
Ganhou saber  
Nobilitante,  
À luz brilhante  
Dessa ciência  
Que, na existência,  
Por planetária,  
Faz com que a alma  
Se torne egoísta  
E refratária  
À lei de Deus.  
Tornou-se esquivo,  
Cruel e altivo  
À Humanidade,  
Não praticando  
Mas renegando  
A caridade.

O que aprendera  
No Infinito  
E prometera  
Ao bom Jesus,  
Tudo esquecera  
Em detrimento

Do sentimento  
Que então trouxera,  
Cheio de luz.  
Refugiou-se  
Na vã Ciência,  
Despreocupou-se  
Com a consciência.  
Na Academia  
Dos homens sábios,  
Ele esplendeu  
No vã saber;  
O infeliz ser  
Viveu dos lábios,  
Seu coração  
Jamais viveu!  
Foi uma flor,  
Mas sem olor;  
Fulgiu, brilhou,  
Mas renegou  
A lei do amor.  
E da existência  
Da própria alma  
Por fim descreu,  
A relegar,  
Como um ateu,  
Filho do Mal,  
A imensa luz  
Espiritual.

Foi refratário  
Ao próprio afeto  
Dos pais que o amavam  
E idolatravam  
Com mór ternura,  
Dele esperando  
Sua ventura.  
Os próprios filhos,  
Suaves brilhos  
Da nossa vida,  
Nossa esperança

Encantadora,  
Os desprezou,  
Sòmente amando  
Sua ciência  
Enganadora.  
Só procurou  
Brilhar, fulgir;  
Nunca buscou,  
Assim, cumprir  
Sua missão.

Sempre espalhou,  
Em profusão,  
Suas ideias  
Tristonhas, feias,  
Do ateísmo  
Desventurado.  
Nunca estancou  
Uma só lágrima;  
Nunca pensou  
Uma ferida,  
Que brota nalma  
Desiludida;  
Não' consolou  
O que sofria,  
De quem fugia  
Sem compaixão!  
Enfim, viveu  
Só na Ciência,  
Nessa existência  
Que passa breve!...  
O ingrato teve  
Mil ocasiões  
De praticar  
Boas ações  
E espalhar  
O amor e a luz  
Que o bom Jesus

Lhe concedera:  
Mas, infeliz,  
Jamais o quis.

Porém, um dia,  
A Parca fria,  
A morte amara,  
Cruel, avara  
E dolorosa,  
O arrebatara  
Nessa escabrosa  
Escura via,  
E o conduziu  
Para o Infinito,  
Onde, num grito,  
Ele accordou  
Do seu letargo,  
Do sono amargo  
Em que viveu.

Ao descerrar  
O negro véu  
Do esquecimento,  
Sentiu seus olhos  
Enevoados,  
Tristes abrolhos  
No pensamento!  
Olhou o abismo  
Do pessimismo  
Em que vivera,  
Por onde sempre  
Se comprazera.

Sentiu-se, então,  
Abandonado,  
Amargurado  
Na aflição!  
Sòmente, assim,  
Dentro da dor,  
Lembrou de Deus,  
Do seu amor,

A implorar  
Da luz dos Céus  
Consolação!

Das profundezas  
Do coração,  
Intima voz  
Disse-lhe então:

«O' mau discípulo,  
Em quem eu pus  
Todo o esplendor  
Da minha luz,  
Do meu amor!  
Tu te perdeste  
Por teu querer,  
Pelo viver  
Que demandaste.  
Jamais soubeste  
Te conduzir,  
E assim cumprir  
O teu dever.  
Por isso, agora,  
Minhalma chora  
Ao ver que és  
Mísero ser.  
Tu renegaste  
E desprezaste  
A inspiração  
Do Deus de Amor!  
Tua missão  
Que era amar  
E assim curar  
A alheia dor,  
Em luz perdida,  
Foi convertida  
Em fero braço  
Esmagador.  
O grande amor  
— Fraternidade,

Que então devias,  
Entre alegrias,  
Oferecer  
À Humanidade,  
O abafaste  
Como se fôsse  
Assaz mesquinho,  
Quando só ele  
E' o caminho  
Que nos conduz  
À salvação,  
À perfeição,  
À região  
Da pura luz!

Sempre esqueceste  
Os teus deveres.  
Dos próprios seres  
Que te adoravam,  
Que mais te amavam,  
Foste inimigo,  
E até negaste  
A existéncia  
Da própria alma,  
A consciência!  
Constantemente,  
Continuamente,  
Foste um ingrato  
E eu te julgara  
Um lutador  
Intemperado!...»

Calou-se a voz  
E o pranto atroz  
Jorrou, então,  
Do coração  
Do miserável,  
Ser execrável  
Que não soubera  
E nem quisera

Compreender  
O seu dever.  
Entre lamentos  
E dissabores,  
Padecimentos,  
Frios horrores,  
Ele chorou  
E lamentou,  
Por muitos anos,  
Seus desenganos  
Na senda triste,  
Fatal, amara,  
Que assim trilhara  
Na perdição.  
Envergonhado,

Espezinhado  
Na sua queda,  
Correu sózinho  
O mundo inteiro,  
Qual caminheiro  
A quem negassem  
Um só carinho.  
Perambulou  
Qual Aasvero,  
Sofreu, clamou,  
Suplicado;  
E, muitas vezes,  
O seu olhar,  
Amargurado,  
Triste pousou  
Sobre o lugar  
Onde pecou.  
A pobre mão  
Sempre estendeu  
Pedindo o pão,  
Pedindo luz,  
A lamentar  
A sua cruz!  
Jamais alguém  
Quis escutá-lo;

O mesmo bem  
Que ele fizera,  
Assim lhe era  
Retribuído...  
E o pobre Espírito  
Desiludido,  
Desanimado,  
Desamparado,  
Só encontrava  
Consolação  
Nas lágrimas tristes  
Que derramava  
Em profusão.

Até que um dia  
Em que sofria,  
Mais padecia  
A dor feroz,  
Cruel e atroz,  
A alma triste  
E solitária,  
Exp'imentada,  
Extenuada  
No atro sofrer,  
Cheia de unção  
Por entre prantos,  
Formosos, santos,  
Disse ao Senhor  
Numa oração:

«O' Mestre Amado,  
Sei que hei pecado  
E transgredido  
As tuas leis,  
Tendo comigo  
A tua luz,  
O' bom Jesus!  
E mesmo assim,  
Eu me perdi  
Por meu querer,  
Pois não cumprí

O meu dever!...  
Fui a grilheta  
Da impiedade,  
Pobre calceta  
Da iniquidade.  
Mas tu que és bom,  
Tão justo e santo,  
Sabes do pranto  
Das minhas dores,  
No meu viver  
Sem luz, sem flores,  
E hás-de acolher  
Minha oração  
Cheia de fé!...  
Dá-me o acúleo  
Da expiação,  
Para que seja  
Exterminado  
O meu orgulho.  
Oh! dá-me agora  
A nova aurora  
De uma existência  
De provação.  
Quero sofrer  
Dura pobreza,  
Sempre viver  
Na singeleza.  
O meu desejo  
E' só voltar

À Terra impura  
Onde eu pequei,  
Para ofertar  
A criatura  
O grande amor  
Que lhe neguei.  
Não quero ter  
Nem um só dia  
Dessa alegria  
Que desfrutei,  
Mas só trazer

No coração  
Todo o amargor  
Da privação.  
Não quero ver  
O dealbar  
De uma esperança;  
O próprio lar,  
Onde se encontra  
Maior ventura,  
Não quero ter;  
Nunca, jamais,  
Hei conhecer  
O que é sorrir!  
Quero existir  
Desconhecido,  
Incompreendido  
Em minha dor;  
Então serei  
Ramo perdido,  
Árido e seco  
Pelo vergel  
Enflorescido.  
Conhecerrei  
A dor cruel  
Que nos retalha  
O coração.  
Nessa batalha  
Que empreenderei,  
Quero ganhar  
E conquistar  
A luz, o pão,  
O agasalho,  
Com meu trabalho.  
Eu só almejo  
Compreensão  
Para mostrar  
O teu perdão,  
Claro e sublime  
Para o meu crime,  
O' bom Jesus,

O' Mestre Amado! —  
Eu lutarei  
E chorarei  
Nas rijas dores  
Mais inclementes,  
Nos turbilhões  
Incandescentes  
Das amarguras,  
Cruéis e duras  
Das aflições.  
Agora eu vejo  
Que na existência  
A grã ciência  
Só é grandiosa,  
Só é formosa,  
Quando aliada  
Da caridade,  
O puro amor.  
Quero com ardor  
Bem conquistar  
A perfeição!  
Serei, portanto,  
Neste planeta,  
Como a violeta  
Sob a folhagem...  
Viver sómente  
Pela voragem  
Das desventuras.  
Quero sofrer  
Com humildade,  
E sempre ter  
Em mim bondade,  
Feliz dulçor  
Da caridade!...»

E o Mestre Amado,  
Compadecido  
Do pobre Espírito  
Dilacerado,  
Enfim, perdido,

Deu-lhe o perdão,  
A permissão  
Para voltar  
À antiga arena —  
Luta terrena,  
Offerendendo-lhe  
Ocasião  
Para tornar-se  
Mais venturoso  
E sempre digno  
Do seu perdão.  
  
Seja bendito,  
Pelo infinito  
Desenrolar  
E perpassar  
De toda a idade,  
O bom Jesus,

Que, com sua luz  
E terno amor,  
Escuta a prece  
De quem padece,  
Fazendo assim  
Desabrochar  
O dealbar  
Das alvoradas  
Iluminadas  
De muitas vidas,  
Belas, queridas,  
Para lutarmos  
E nos tornarmos  
Dignos do Amor  
Inigualável,  
Incomparável,  
Do Criador!

## Na estrada de Damasco

JOÃO DE DEUS

Num certo dia  
A Ambição,  
De parceria  
Com o Orgulho,  
Chamou o homem  
Jatancioso,  
Rude e cioso  
Do seu poder  
E vâo saber,  
E assim lhe disse:

«Homem, tu és  
Senhor potente,  
Grande e valente  
Aqui no mundo;  
E se quiseres  
Tornar-te um rei  
Da imensa grei  
Da Criação,  
E' só viveres  
A procurar  
Mais dominar  
Os elementos

A transudar  
Nos sentimentos.  
Maior coragem  
Para ganhares  
Sempre vantagem  
No teu viver,  
E conquistares  
Sempre o poder  
Dos triunfantes.  
Aos semelhantes  
Em vez de amá-los  
Tais como irmãos,  
Faze-os vassalos  
No teu reinado,  
Glorificado  
De grão-senhor!»

E o pecador,  
Ser imperfeito  
Se achasse embora,  
A seu agrado,  
Bem satisfeito,  
Foi sem demora  
Então chamado  
Por um juiz  
De retidão,  
Que é a Consciência,  
Nesta existência  
De provação,  
Que então lhe diz:

«Mas, e o bom Deus  
Que está nos Céus,  
Que tudo vê,  
Sabendo assim  
Quanto a tua alma  
Dele descrê?  
Ele é o teu Pai,  
O Criador,

O Deus de amor.  
E o bom Jesus,  
Nosso Senhor,  
Mestre da luz,  
O Filho amado  
Que à Terra veio,  
A este mundo  
Ingrato e feio  
A redimir,  
E assim banir  
O teu pecado?

Ele te amou  
E te ensinou  
Que ao teu irmão  
Tu deves dar,  
Nunca negar  
A tua mão;  
E espalhar  
Sômente amor,  
A relegar  
Toda a maldade,  
Para que um dia  
Te fôsse dado  
Reconhecer,  
Com alegria,

O solo amado  
Do eldorado  
Dos belos sonhos,  
Lindos, risonhos,  
Do teu viver.  
Assim, procura  
Melhor ventura  
Em só buscar,  
Acompanhar,  
Seguir Jesus  
Em sua dor,  
Em seu amor,  
Em sua cruz!»

Mas, o tal homem  
Tão orgulhoso,  
Que já se achava  
Bem poderoso,  
Achou estranho  
Esse conselho:  
Rigor tamanho  
Não poderia;  
Isso seria  
Obedecer  
E se humilhar;  
E ele havia  
Aqui nascido  
Só para ser  
Obedecido,  
Tendo o poder  
P'ra dominar.  
Assim, buscou  
E perguntou  
Aos companheiros;

Eles, então,  
Lhe responderam  
No mais profundo  
Do coração:

— «Esse conselho  
E' muito velho!  
Deus é irrisão,  
E o tal Jesus,  
Com sua cruz  
E seu calvário,  
Sômente foi  
Um visionário.  
Enquanto ele  
Só te oferece  
Amargas dores,  
Desolações,  
Tristes agruras,  
Cruéis espinhos,

Nós concedemos  
Ao teu valor  
De grão-senhor  
Sublimes flores,  
Lindos brasões,  
Grandes venturas  
Nesses caminhos.

Quem mais souber  
Gozar e rir,  
Mais saberá  
O que é existir.  
A vida aqui  
Só é formosa  
Para quem goza;  
E pois, assim,  
Vale o gozar  
Constantemente,  
Pois vindo a Parca  
Bem de repente,  
Há-de levar  
Esse teu sonho  
De amar, sofrer,  
Ao caos medonho  
Do mais não-ser;  
Porque a morte  
Tão renegada,  
Essa é apenas  
O frio nada.  
O louco amor  
Do teu Jesus,  
Exprime a dor  
E não a luz.»

E assim, quando  
O homem fraco  
E miserando  
Mais se exaltou  
E se jatou,  
Onipotente,

Chegou a Dor  
Humildemente,  
A lapidária,  
A eterna obreira,  
A mensageira  
Da perfeição,  
Nessa oficina  
Grande e divina  
Da Criação;  
Fê-lo abatido  
E desolado,  
Até enojado  
Do corpo seu:  
Apodreceu  
O seu tesouro.

E o homem-rei  
Reconheceu  
Que o paraíso  
Dos sãos prazeres  
Vive nas luzes  
Só da virtude,  
No cumprimento  
Dos seus deveres,  
Na humildade,  
Na caridade,  
Na mansuetude,  
Na submissão  
Do coração  
Ao sofrimento,  
Quando aprovou  
Ao Deus de Amor  
Oferecer  
Rude amargor  
Ao nosso ser.

Depois, então,  
De mui sofrer  
E padecer  
Na expiação,

Reconheceu  
A nulidade,  
A fatuidade  
Da vil matéria!

Na atroz miséria  
Dessa agonia,  
Só procurou  
Buscar se via  
Os seus mentores  
Enganadores,  
Altivos filhos  
Da veleidade.

Só encontrou  
O juiz reto,  
O Magistrado  
Incorrutível  
Da consciência,  
E que, num brado  
Indescritível,  
Em consequência,  
Lhe fez com ardor  
Ao coração  
Ermo de afeto,  
Ermo de amor,  
A mais tremenda  
Acusação!

E' o que acontece  
Em toda a idade,  
Com a maioria  
Da Humanidade;  
Pois sempre esquece  
Os seus deveres  
E se submerge  
Nos vãos prazeres.  
Para a alegria  
Fatal converge

O seu viver,  
Para o enganoso,  
Efêmero gozo  
Do material,  
A esquecer  
Tudo o que seja  
Espiritual.  
Feliz de quem  
Aí procura  
Maior ventura  
No sumo bem;  
Porque verá,  
Contemplará

Todo o esplendor,  
A eterna luz,  
Do eterno amor  
Do bom Jesus.

## Parnaso de Além-Túmulo

JOÃO DE DEUS

Além do túmulo o Espírito inda canta  
Seus ideais de paz, de amor e luz,  
No ditoso país onde Jesus  
Impera com bondade sacrossanta.

Nessas mansões, a lira se levanta  
Glorificando o Amor que em Deus transluz,  
Para o Bem exaltar, que nos conduz  
À divina alegria, pura e santa.

Dessa Castália eterna da Harmonia  
Transborda a luz excelsa da Poesia,  
Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hinos das esperanças espargidos  
Sobre os homens, tornando-os mais unidos,  
Na ascensão para o Belo e para o Amor.

## Angústia materna

JOÃO DE DEUS

«O' Lua branca, suave e triste,  
— A Mãe pedia, fitando o céu —  
Dize-me, Lua, se acaso viste  
Nos firmamentos o filho meu.

A Morte ingrata, fria e impiedosa,  
Deixou vazio meu doce lar,  
Deixou minhalma triste e chorosa,  
Roubou-me o sonho — deu-me o penar.

Se tu soubesses, Lua serena,  
Como era grácil, que encantador  
Meu anjo belo como a açucena,  
Cheio de vida, cheio de amor!...»

Disse-lhe a Lua — «Eu sei do encanto,  
Dum filho amado que a gente tem;  
E das ausências conheço o pranto,  
Oh! se o conheço, conheço-o bem!...»

— «Então, responde-me sem demora,  
Continuava, sempre a chorar:  
Em qual estrela cheia de aurora  
Foi o meu anjo se agasalhar?...»

— «Mas não o avistas — responde-lhe ela —  
Naquela estrela que tremeluz?  
Abre teus olhos... E' bem aquela  
Que anda cantando no céu de luz.»

E a Mãe aflita, martirizada,  
Fitou a estrela que lhe sorriu,  
Sentiu-lhe os raios, extasiada,  
E dos seus cantos, feliz, ouviu:

— «Ilha pacífica, da esperança,  
Sou eu no mar do éter infindo;  
Do sofrimento mato a lembrança  
E abro o futuro, ditoso e lindo.

Do Senhor tenho doce trabalho;  
Missão que é toda só de alegrias:  
Flores reparto cheias de orvalho,  
Flores que afastam as agonias.»

— «Quase te odeio, luz de alvorada;  
O' linda estrela que adorna o céu,  
Gritou-lhe a pobre desconsolada,  
Porque tu guardas o filho meu.»

— «Se tu me odeias, se me detestas,  
Contudo eu te amo e pergunto: quem  
Não tem saudades das minhas festas?  
O teu anjinho teve-as também.

Em mim a noite não tem guarida,  
Aqui terminam os dissabores;  
Aqui em tudo floresce a vida,  
Vida risonha, cheia de flores!...»

A mãe saudosa, banhada em pranto,  
Notou de logo seu filho lindo,  
Todo vestido dum brilho santo,  
Num belo raio de luz, sorrindo...

Disse-lhe o filho — «Tive deveras  
Muita saudade, mãezinha amada,  
Senti a falta das primaveras,  
Senti a falta desta alvorada!...»

Não resisti... Tanta era a saudade!  
Voltei do exílio, fui da dor,  
Aqui é tudo felicidade,  
Paz e ventura, carícia e amor!

O' mãe, perdoa, se mais não pude  
Ficar contigo na escuridão,  
A Terra amarga, tristonha e rude,  
Envenenava meu coração.

Aqui, na estrela, também há fontes,  
Jardins e luzes e fantasias,  
Sóis rebrilhando nos horizontes,  
Sonhos, castelos e melodias.

Daqui te vejo, daqui eu vejo  
Pelo sossego dos dias teus;  
Faço-te um ninho ditoso e belo,  
Muito pertinho do amor de Deus!...»

Aí os olhos da desditsa  
Nada mais viram do Eterno Lar.  
Viu-se mais calma, menos saudosa,  
E, estranhamente, pôs-se a chorar...

## Lamentos do órfão

JOÃO DE DEUS

Minha mãezinha, alguém me disse,  
Que tu te foste, triste sem mim;  
Já não me embala tua meiguice,  
E não podias partir assim.

Eu acredito que tenhas ido  
Pedir a Deus, que possui a luz,  
Que de mim faça, do teu querido,  
Um dos seus anjos, outro Jesus.

Mas tanto tempo faz que partiste,  
Que me fugiste sem me levar,  
Que sofro e choro, saudoso e triste,  
Sem esperanças de te encontrar.

Há quantos dias que te procuro,  
Que te procuro chamando em vão!...  
Tudo é silêncio tristonho e escuro,  
Tudo é saudade no coração.

Outros meninos alegres vejo,  
Numa alegria terna e louçã,  
Que exclamam rindo dentro dum beijo:  
«Como eu te adoro, minha mamã!»

Sinto um anseio sublime e santo,  
De nos meus braços, mãe, te beijar;  
E abraço o espaço, beijo o meu pranto,  
Sòmente a mágoa vem-me afagar.

Inquiero o vento: — «Quando verei  
Minha mãezinha boa e querida?»  
E o vento triste diz-me: — «Não sei!...  
Só noutra vida, só noutra vida!...»

Pergunto à fonte, pergunto à ave,  
Quando regressas dos Céus supremos,  
E me respondem em voz suave:  
«Nós não sabemos! nós não sabemos!...»

Pergunto à flor que engalana a aurora,  
Quando é que voltas desse país,  
E ela retruca, consoladora:  
«Depois da morte serás feliz.»

E digo ao sino na tarde calma:  
«Onde está ela, meu doce bem?»  
Ele responde, grave, à minhalma:  
«Além na luz! Na luz do Além!...»

O mar e a noite me crucificam,  
Multiplicando meus pobres ais,  
Cheios de angústias, ambos replicam:  
«Tua mãezinha não volta mais.»

Sòmente a nuvem, quando eu imploro,  
Diz-me que vens e diz que te vê;  
E me conforta, do céu, se eu choro:  
«Eu vou chamá-la para você.»

Sempre te espero, mas, ai! não voltas,  
Nem para dar-me consolação;  
O' mãe querida, que mágoas soltas  
Andam cortando meu coração.

Tanta saudade, e, no entretanto,  
Vejo-te linda nos sonhos meus;  
Ajoelhada, banhada em pranto,  
E de mãos postas aos pés de Deus.

Sempre a meus olhos, estás bonita  
Qual uma rosa, como um jasmim!  
Porém conheço que estás aflita,  
Com o pensamento junto de mim.

Então, entrego-me ao meu desejo,  
Tremo de anseio, calo, sorrio,  
Sentindo o anélito do teu beijo...  
Mas abro os olhos no ar vazio!

Vai-se-me o sonho... Quanta amargura,  
Que sinto esparsa pelo caminho!  
Que mágoa eterna! que desventura,  
Para quem segue triste e sózinho.

Volta depressa! guardo-te flores,  
Porque só vivo pensando em ti:  
Celebraremos nossos amores,  
Junto da fonte que canta e ri.

Já não suporto tantos cansaços!...  
Se não voltares, pede a Jesus  
Que te conceda pôr-me em teus braços,  
Foge comigo para outra luz!...

## O leproso

JOÃO DE DEUS

Dizia o pobre leproso:  
Senhor! Não tenho mais vida,  
Sou uma pútrida ferida  
Sobre o mundo desditoso!

Mas o anjo da esperança  
Responde-lhe com brandura:  
— Meu filho, espera a ventura  
Com fé, com perseverança.

Se teu corpo é lama e pus  
Em meio dos sofrimentos,  
Tua alma é réstea de luz  
Dos eternos firmamentos.

## Bondade

JOÃO DE DEUS

Vê-se a miséria desditosa  
Perambulando numa praça,  
Sob o seu manto de desgraça  
Clama o infortúnio abrasador.

Eis que a Fortuna se lhe esconde;  
E passa o gozo, muito ao largo;  
E ela chora, ao gosto amargo,  
O seu destino, a sua dor.

Mas eis que alguém a reconforta:  
E' a Bondade. Abre-lhe a porta;  
E a fada, à luz dessa manhã,

Diz-lhe, a sorrir: — Tens frio e fome?  
Pouco te importe qual meu nome,  
Chega-te a mim: sou tua irmã.

## Oração

JOÃO DE DEUS

A Ti, Senhor,  
Meu coração  
Imerso em dor  
Aflito vem,

Pedindo a luz,  
Pedindo o bem  
E a salvação.

Pedir a quem,  
Senão a Ti,  
Cuja bondade  
Me sorri  
E me conduz  
A imensidão  
Da perfeição?

És a piedade  
Divina e pura  
Que à criatura  
Dá luz e pão.

Sou eu, sómente,  
O impenitente  
Na expiação.

Em Ti, portanto,  
Confio e espero,  
De Ti eu quero  
Me aproximar!

Consolo santo,  
Para o meu pranto  
Venho implorar.

Bem sei, Senhor,  
Se sofro e choro,  
Se me demoro  
No padecer,  
E' porque andei  
Longe do Amor,  
No meu viver.

O Amor é a lei,  
Que me ensinaste  
E que deixaste  
Aos irmãos teus!

P'ra que eu pudesse,  
Ditosamente,  
Buscar os Céus.

Assim, contente,  
Cheio de unção,  
Elevo a prece  
Do coração,  
A Ti, Senhor,  
Rogando amor,  
Paz e perdão!

## A Fortuna

JOÃO DE DEUS

Anda a Fortuna por uma praça,  
Fala à Ventura com riso irmão,  
E mais adiante topa a Desgraça,  
E altiva e rude lhe esconde a mão.

Vaidosa e bela, dá preferência  
Ao torpe egoísmo acomodatício,  
E entre as virtudes, na existência,  
Escolhe sempre flores do vício.

E assim prossegue na desmarcada  
Carreira louca do vão prazer,  
Como perdida, e já sepultada,  
No esquecimento do próprio ser.

Depois, cansada e já comovida,  
Quando só pede luz e amor,  
Acorre a Morte por dar-lhe a Vida,  
E vem a Vida por dar-lhe a Dor.

## Oração

JOÃO DE DEUS

Vós que sois a mãe bondosa  
De todos os desvalidos  
Deste vale de gemidos,  
Mãe piedosa!...

Sublime estrela que brilha  
No céu da paz, da bonança,  
Do céu de toda a esperança —  
Maravilha!

Maria! — consolação  
Dos pobres, dos desgraçados,  
Dos corações desolados  
Na aflição,

Compadeciei-vos, Senhora,  
De tão grandes sofrimentos,  
Deste mundo de tormentos,  
Que apavora.

Livrai-nos do abismo tredo  
Dos males, dos amargores,  
Protegei os pecadores  
No degredo.

Estendei o vosso manto  
De bondade e de ternura,  
Sobre tanta desventura,  
Tanto pranto!

Concedei-nos vosso amor,  
A vossa misericórdia,  
Dai paz a toda discórdia,  
Trégua à dor!...

Vós que sois Mãe carinhosa  
Dos fracos, dos oprimidos  
Deste vale de gemidos,  
Mãe bondosa!

Oração:

Pai de Amor e Caridade,  
Que sois a terna clemência  
E de todas as criaturas  
Carinhosa Providência!  
Que os homens todos vos amem,  
Que vos possam compreender,  
Pois tendo ouvidos não ouvem,  
E vendo não querem ver.

## Além

JOÃO DE DEUS

Além da sepultura, a nova aurora  
Luminosa e divina se levanta;  
Lá palpita a beleza onde a alma canta,  
À luz do amor que vibra e revigora.

O' corações que a lágrima devora,  
Prisioneiros da dor que fere e espanta,  
Tende na vossa fé a bíblia santa,  
E em vossa luta o bem de cada hora.

Além da morte, a vida tumultua,  
O trabalho divino continua...  
Vida e morte — exultai ao bendizê-las!

Esperai nos tormentos mais profundos,  
Que a este mundo sucedem-se outros mundos,  
E às estrelas sucedem-se as estrelas!

## Soneto

JOÃO DE DEUS

Como outrora, entre ovelhas desgarradas,  
O coração tocado de agonias,  
O Mestre chora como Jeremias,  
Vendo o mundo nas lutas condenadas.

Sempre a miséria e a dor nos vossos dias!  
Sempre a treva nas míseras estradas...  
Preces infindas e desesperadas,  
Do caminho de lágrimas sombrias...

Dois milênios contando o grande ensino  
Do Amor, o luminoso bem divino,  
Sobre as desolações do mundo velho...

Mas, em todos os tempos é a vaidade  
No egoísmo da triste Humanidade,  
Demorando as vitórias do Evangelho.

## A Prece

JOÃO DE DEUS

O Senhor da Verdade e da Clemência  
Concedeu-nos a fonte cristalina  
Da prece, água do amor, pura e divina,  
Que suaviza os rigores da existência.

Toda oração é a doce quinta-essência  
Da esperança ditosa e peregrina,  
Filha da crença que nos ilumina  
Os mais tristes refolhos da consciência.

Feliz o coração que espera e ora,  
Sabendo contemplar a eterna aurora  
Do Além, pela oração profunda e imensa.

Enquanto o mundo anseia, estranho e aflito,  
A prece alcança as bênçãos do Infinito,  
Nos caminhos translúcidos da Crença.

## Fraternidade

JOÃO DE DEUS

Fraternidade é árvore bendita,  
Cujas flores e ramos de esperança  
Buscam a luz eterna que se agita,  
Rumo ao país ditoso da bonança.

E' a fonte cristalina em que descansa  
A alma humana fraca, errante e aflita;  
E' a luminosa bem-aventurança  
Da mensagem de Deus, pura e infinita!...

Vós que chorais ao coro das procelas,  
Vinde, irmãos! Desdobrai as vossas velas!...  
Não vos sufoque o horror da tempestade.

Fraternidade é o derradeiro porto,  
A terra da união e do conforto,  
Que habitaremos na Imortalidade.

## Lembrai a chama

JOÃO DE DEUS

Vós que buscais além da sepultura  
A resposta de luz da Eternidade,  
Nunca olvideis a Excelsa Claridade,  
Que reside convosco em noite escura.

Somos todos a Grande Humanidade,  
Em direção à Fonte Eterna e Pura,  
Somos em toda parte a criatura  
Buscando os dons supremos da Verdade.

Tendes convosco a Chama Adormecida...  
Rogamos acendaís a Luz da Vida,  
Já que buscais mais crença junto a nós!

Se quiserdes brilhar nos Outros Planos,  
Oh! torturados corações humanos,  
Deixai que o Cristo nasça dentro em vós.

## Eterna mensagem

JOÃO DE DEUS

Ainda e sempre o Evangelho do Senhor  
E' a mensagem eterna da Verdade,  
Senda de paz e de felicidade,  
Na luz das luzes do Consolador.

Nos caminhos da lágrima e da dor,  
Ante os desfiladeiros da impiedade,  
Não sabe o coração da Humanidade  
Beber dessa água límpida do Amor.

Mas os túmulos falam pela estrada,  
Em toda parte fulge uma alvorada  
Que ao roteiro dos Céus nos reconduz;

O Evangelho na luz do Espiritismo,  
E' a escada de Jacob vencendo o abismo,  
Trazendo ao mundo o verbo de Jesus.

## No Templo da Educação

JOÃO DE DEUS

Distribuía o Mestre os dons divinos  
Da luz do seu Espírito sem jaça,  
E exclama, enquanto a turba observa e passa:  
— «Deixai virem a mim os pequeninos!...»

E' que na alma sincera dos meninos  
Há uma luz de ternura, amor e graça,  
De que o Senhor da Paz quer que se faça  
O sol da nova estrada dos destinos.

Vós, que tendes a fé que ama e consola,  
Fazei do vosso lar a grande escola  
De justiça, de amor e de humildade!

As conquistas morais são toda a glória  
Que a alma busca na vida transitória,  
Pelos caminhos da imortalidade.

## Na noite de Natal

JOÃO DE DEUS

— «Minha mãe, porque Jesus,  
Cheio de amor e grandeza,  
Preferiu nascer no mundo  
Nos caminhos da pobreza?»

Porque não veio até nós,  
Entre flores e alegrias,  
Num berço todo enfeitado  
De sedas e pedrarias?»

— «Acredito, meu filhinho,  
Que o Mestre da Caridade  
Mostrou, em tudo e por tudo,  
A luminosa humildade!...»

As vezes, penso também  
Nos trabalhos deste mundo,  
Que a Manjedoura revela  
Ensino bem mais profundo!»

E a pobre mãe de olhos fixos  
Na luz do céu que sorria,  
Concluiu com sentimento,  
Em terna melancolia:

— «Por certo, Jesus ficou  
Nas palhas, sem proteção,  
Por não lhe abrirmos na Terra  
As portas do coração.»